

69

Negro, gay e nordestino

Luiz Alberto Osório
Da equipe do Correio

O escolhido do governo brasileiro para defender os direitos dos homossexuais do Brasil na 3ª Conferência contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, em Durban, na África do Sul, é gay, negro e nordestino. Por isso, Cláudio Nascimento, um baiano de Itabuna, de 30 anos, diz que sofre de discriminação em "dose tripla".

Nesses dias que antecedem a conferência, que começa sexta-feira e vai até o dia 7 de setembro, Cláudio também sentiu a rejeição por parte de seus pares. A comunidade gay é contra sua indicação para representá-la em Durban. Por que? Os argumentos são vários: "Um só representante é muito pouco", "quem votou nele?" etc. Mas Cláudio já está calejado.

A primeira manifestação de intolerância, lembra, aconteceu em casa. "Quando tinha 18 anos, contei aos meus pais que era gay e fui convidado a deixar minha casa. Fui para a rua sozinho, sem ter para onde ir", conta Cláudio Nascimento.

A segunda decepção, Cláudio teve na faculdade. Ele conta que tinha muitos amigos, e que todos gostavam de se reunir em sua casa para estudar. "Eram ótimos amigos até que saiu uma matéria num jornal em que eu me assumia gay. No dia seguinte, mais da metade das pessoas nem me cumprimentava", diz. Daí em diante, foi uma *via-crucis* de xingamentos e humilhações. "Sempre tinha alguém que gritava do carro: ô, viado."

Mas o pior tipo da discriminação Cláudio Nascimento diz

André Arruda / AJB



CLÁUDIO NASCIMENTO, DE 30 ANOS, SERÁ O REPRESENTANTE DOS HOMOSSEXUAIS BRASILEIROS EM DURBAN, NO ENCONTRO QUE COMEÇA SEXTA-FEIRA

que sentiu dentro do movimento negro. Como militante do Movimento Negro Unificado (MNU) durante anos, sempre lhe trataram bem. Até o dia em que foi fazer uma apresentação em um seminário organizado pelo MNU. "Algumas pessoas dentro do movimento não gostaram de saber que eu iria falar e

começaram a gritar da platéia para eu sair da mesa. Um deles chegou a dizer que não existe negro homossexual."

Mas nem todas as experiências foram negativas na vida de Cláudio. Há alguns anos, quando assumiu um posto de gerência na empresa que trabalhava, o balanço também sentiu a força

do preconceito por parte dos funcionários. "Achavam que um homossexual não tinha capacidade para trabalhar naquela função". A diretoria da empresa, no entanto, não teve dúvidas e interveio, defendendo Cláudio.

A reação de seus vizinhos foi outro exemplo para Cláudio de que a intolerância não é unâni-

me. "Moro em um condomínio fechado e todos, ou pelo menos a maioria, dos moradores e funcionários sabem que sou gay e me respeitam. Às vezes, um ou outro vem comentar sobre alguma atitude discriminatória que viram no jornal ou em seu trabalho. Acho que as pessoas estão mudando", afirma.